

UNEB - DEP. IV - JAC

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS -
CAMPUS IV - JACOBINA.**

FAPES

CURSO: Especialização em Estudos Literários

58

MONOGRAFIA

O HOMEM E SEUS VALORES EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO.

Aluno:

Jônio Menezes Ribeiro

Orientador:

Profº. Dr. Benedito Veiga

Jacobina Bahia
2003.

CONSULTA



SUMÁRIO

Introdução	1 a 5
O sujeito cidadão	5 a 18
Considerações finais	18
Referências Bibliográficas	19

O HOMEM E SEUS VALORES EM CAPITÃES DA AREIA, DE JORGE AMADO

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a produção no Brasil de estudos voltados às discussões das possíveis relações entre regionalismo e literatura ganha novas dimensões com um grupo de autores voltados para o tema, chamados de “escritores regionalistas”, pertencentes à geração de 1930 do Modernismo Brasileiro. Dela faz parte Jorge Amado, um dos mais importantes autores da literatura brasileira.

No romance *Capitães da Areia*, Jorge Amado trata de um grupo de crianças, notadamente menores abandonados, que vivem em um velho trapiche. Liderados por Pedro Bala, generoso e valente, o “bando” conta ainda com outras figuras: o negro João Grande – uma pessoa bondosa e forte; Dora – considerada pelos garotos como mãe, irmã e noiva; Gato – elegante e conquistador; Sem Pernas – pessoa revoltada por não ter um lar, que encobre sua rude bondade; Volta Seca – que se considera afilhado de Lampião, e muitos outros com atuação menos acentuada.

Percebe-se que *Capitães da Areia* é uma narrativa de tendência social, neo-realista, que descreve o cotidiano do grupo e o seu modo de agir, de conviver para agüentar sobreviver, na luta por alimento, abrigo e dinheiro.

Esta obra publicada em 1937, pouco depois de implantado no País do “Estado Novo”, é o livro que teve as primeiras edições apreendidas e seus exemplares queimados em praça públicas, em Salvador, por autoridades da ditadura no poder. Mas, a obra ressurgiu, quando uma nova edição, em 1944, marcou época na vida literária brasileira. A partir de então se sucederam as edições nacionais e em idiomas estrangeiros.

O livro é dividido em três partes. Antes delas, no entanto, há uma seqüência de notas de jornal, relatando, na versão dos setores governamentais e hegemônicos, que os *capitães da areia* eram um grupo de menores marginalizados que aterrorizava Salvador. Conforme cartas de autoridades policiais e da justiça, enviadas à redação do *Jornal da Tarde*, assim nomeado na ficção, os menores são considerados como se fossem crianças ladras, e a cidade repleta de menores que viviam do furto: “Urge uma providência do juiz de menores e do chefe de polícia – ontem houve mais um assalto”¹.

Essas crianças que, desde tão cedo, se dedicavam à carreira do crime não tinham moradia certa ou, pelo menos, esta não era localizada; também não se conhecia o local onde se escondiam os produtos dos seus assaltos. Viviam da rapina em sua totalidade, pelo que se sabia, era superior a cem crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que certamente devido ao desprezo dado a sua educação por pais pouco servidos de solidariedade humana, na sociedade burguesa dominante, se entregavam, desde cedo, a uma vida de carências, na dura luta para permanecerem vivas – sem qualquer amparo –; rotuladas, numa avaliação primária e desdenhosa, de crianças marginais e criminosas: *os capitães da areia*.

O líder do grupo, um “molecote” de aproximadamente 14 anos, era apontado pelas autoridades hegemônicas como o autor de crimes bárbaros. E sua identidade não era conhecida, como por igual à de seus companheiros, solidários, também, no tratamento discriminatório e depreciativo.

A obra discute a busca da dignidade e do respeito humanos, notadamente entre os menores abandonadas de Salvador – os meninos de rua –, drama urbano hoje de proporções avantajadas, quando a capital baiana era uma cidade quase abandonada, entregue às penúrias do que sobrou de ex-capital da Colônia.

¹ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 36. ed. São Paulo: Martins, s:d. p. 3.

Assim, esta monografia propõe falar do homem em busca dessa dignidade infringida, burlada seja por citar a infâmia da pequena burguesia soteropolitana, seja por falar sobre a vida e os costumes dos semimarginais, ou acerca da versão do acontecido extra oficial daqueles menores que ficaram esquecidos e injustiçados.

Aqui, as versões dos jornais da época devem ser colocadas em cheque, para ser revelado o obscuro das notícias, revisitando-se as versões dos mais fracos ou excluídos, que as páginas da História camuflaram.

Nesta perspectiva vê-se que Jorge Amado, apesar de ter sido influenciado pelas vanguardas modernistas, principalmente pela tentativa de romper com o academicismo, tarefa então vigente, não se ateuve à construção de uma identidade mítico-poética do Brasil e preferiu buscar no Nordeste, especialmente na Bahia, a tessitura e o entrelaçamento das personagens que caracterizam a sua literatura a partir de sua estréia.

Nas obras amadianas, sucedem-se a criação e a valorização das personagens baianas, fruto das histórias, do folclore e dos casos populares, passando assim a (re)ver o perfil do herói (como é o caso de Pedro Bala) e deixando de lado aquela estilização que nunca rompeu com a cultura europeizada, seguida durante muito tempo. A tarefa amadiana propõe-se à construção de uma literatura nacional, vista como um resgate da memória brasileira, quando se inscreve a ficção *Capitães da Areia*.

Portanto, como um desdobramento da Semana de Arte Moderna de 1922, o romance nordestino (incluídas as narrativas amadianas) vem em oposição ao Romantismo, valorizando as questões sociológicas, a vocação documentária e a contribuição dialética. Além disso, acrescenta-se o fato de que as regiões estavam perdendo sua identidade.

Faz-se necessário uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que se recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos institutos de reforma de crianças ou às prisões.²

² AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 36. ed. São Paulo: Martins, s:d. p. 3.

Ainda com ênfase no que os jornais da época escreviam, vê-se que os excluídos não possuem vozes capazes de denunciarem as arbitrariedades e o descaso por parte, como exemplos: dos juízes de menores e da polícia.

As notícias dos jornais que abrem o romance em estudo afirmavam que os relógios badalavam às três horas da tarde quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. Os gritos foram ouvidos pelo empregado que armando de uma foice entrou na casa, mas o bando fugiu saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar. A polícia tomava conhecimento dos fatos, no entanto, aos “olhos burgueses” nada fora resolvido: os moradores do bairro aristocrático (Vitória) estavam alarmados e receosos por causa dos assaltos.

Jorge Amado buscou no povo baiano a inspiração para as suas obras, representando o regionalismo e situando a obra na zona urbana de Salvador. Sua preocupação foi fixar tipos marginalizados para através deles, analisar as questões sociais. *Capitães da Areia* é construído numa linguagem que retrata o falar do povo, o que lhe tem valido críticas dos mais puristas. Percebem-se o lirismo e a postura ideológica, testemunhos da filiação partidária do autor e ecos de um provável romance de tese.

Jorge Amado aborda os conflitos, desequilíbrios e injustiças sociais numa ficção que parte do documentário social e humano existentes em Salvador. A obra transcreve a realidade contextual urbana, construindo-se o texto a partir da montagem do que captou dos valores das relações sociais. Por conseguinte, é compreensível que o autor assumisse um compromisso com a ordem social, sensibilizando-se com o drama da vida humana, sempre oprimida pelas garras do capitalismo devorador, pela miséria e pela fome. Assim, o cunho político ideológico da narrativa, é um testemunho de denúncia social.

Contudo, percebe-se na obra citada o sentimento de liberdade absoluta já que o verdadeiro romance não copia a realidade, mas tem a força de agir sobre ela, transformando-a criativamente. E, isso na medida em o

próprio código entendido como o lugar que se fixa uma cultura, como queria Michel Foucault para então ser transgredido. Nesse sentido Eduardo Portela observa no segundo número da Revista Brasileira de Língua e Literatura (1979:8), que “a sua maneira de organizar o real é, basicamente, uma maneira carnavalesca”³. Jorge Amado dessacraliza o real, a ética, o sublime e propõe aberturas relacionadas com várias formas de desempenho erotizante e de recuperação da própria marginalidade.

Em função dessa recuperação, os renegados “pivetes”, gente do candomblé, os desiludidos, os ociosos, em suma, todos os excluídos passam a reivindicar sua dignidade.

As famílias burguesas que tinham suas casas assaltadas esperavam que os “capitães da areia” recebessem castigos e esperavam *também* que o chefe de família e doutor juiz de menores tomasse as devidas providências contra os criminosos jovens e ousados. Vale citar aqui um trecho da reportagem de *Capitães da Areia*:

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem 11 anos e já é um dos ginasianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira e em convívio com o terrível chefe Pedro Bala – ele disse que eu era tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua, o cais. Fiquei gostando dele, disse o pequeno Raul. Ele parece um desses meninos de Cinema que foge de casa para passar aventuras.⁴

2 – O SUJEITO CIDADINO

Na procura de *valores humanos*, o sujeito cidadão faz parte da discussão trazida por Jorge Amado em *Capitães da Areia*. É pertinente debruçar-se neste estudo acerca da evolução cultural demonstrando os valores esmagados tais como: liberdade, solidariedade, etc. pela violência, onde vale citar:

³ Revista Brasileira de Língua e Literatura n. 2, 1979, p.8.

⁴ AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. ed. São Paulo: Martins, 1966. p22.

Os caminhões penetravam pelo fundo em marcha à ré, carregadores levavam os sacos às costas, iam dobrados com peso. Os sacos caíam com um baque surdo nos caminhões, os choferes punham os motores em marcha, arrancavam pela rua, paravam no cais. Novamente vinham carregadores, e se curvavam suas costas sobre o peso da carga.

Corriam pela ponte, pareciam seres estranhos, negros de espantosas corcundas. O navio sueco, enorme e cinzento, engolia o cacau. Marinheiros atravessavam, bêbados, a ponte de desembarque e falavam uma língua estranha⁵.

Assim, a obra amadiana, aborda a condição dos trabalhadores explorados à face do opressor e oprimido em que a classe de alto poder aquisitivo era o “forte”, vencedor, dono do *status-quo*. Cabe-nos questionar esta forma de sobrevivência naquela comunidade que se constituía através do silêncio das classes oprimidas, obediente a um poder maior e agora, por outro poder, o dos grandes exportadores. Será que havia espaço para a insurreição do poder “fraco”?

Em geral, a verdade oficial é a do poder e da lei. Como o próprio autor enuncia, busca-se descobrir e revelar a face obscura, (a da versão varrida dos compêndios de história) por ser infame e degradante, versões que os jornais nunca noticiam porque não interessa ao poder da classe dominante.

Na mistura dos chegantes à cor não é importante – branco, preto, mulato, o prestígio está no poder e na riqueza; a cor é a do dinheiro: naquelas bandas a divisão se fazia entre ricos e pobres; para o fazendeiro não passar por branco era necessário ser negro e tinto [...] e fazer questões de apregoar a raça⁶.

Além disso, vê-se os valores sócio-culturais, tais como: costumes religiosos dos negros, ambição do branco que vai, passo a passo, sendo assimilada, os batuques de candomblés, a religiosidade católica, os casamentos por interesse e “impostos” pelo patriarcado, sem falar que a

⁵ AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. São Paulo: Martins, 1966. p22.

⁶ AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. São Paulo: Martins, 1966. p22.

profissão dos filhos era definida pelo pátrio – poder etc. Nesta perspectiva cabe-nos levantar questionamentos sobre o que seria ofensa para dignidade desses transeuntes da cidade.

Os *flashes* do espaço urbano de Salvador são percebidos sobretudo em *Capitães da Areia* através das dissonâncias dos indivíduos ao mesmo tempo em que entram em tensão consigo mesmo; são imagens individualizadas que se cristalizam em um universo de sujeito, vivendo ou “convivendo” nas vias urbanas e devido às condições subumanas. Essas vias se assemelham a um labirinto. E a tarefa dos personagens, “é construir os caminhos onde estão as trilhas da procurada dignidade, a qual é tarefa desafiadora. É desafiar, e “desteçar” a própria vida.

É “reverberar” suas próprias condições de “menor” marginalizados pela sociedade. Assim vistos, esses pequenos sujeitos urbanos vivem como num labirinto, porque à deriva, vão a busca de saídas quase sempre enganadoras, todas repetidas como em desenho (entre) cruzado. Segundo Benjamim (1989:5)

O labirinto é a própria do hesitante. O caminho daquele que teme chegar ao fim, facilmente desenhará um labirinto; a cidade é a “civilização” ou a realização do antigo sonho do labirinto⁷.

A imagem do labirinto em *Capitães da Areia* oferece-nos a sensação de seres descentrados, hesitantes, indecisos irresolutos, frente às várias ramificações da “aventura humana”.

Dentre elas, o bando de crianças delinquentes e os assaltos levados a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o Dr. Chefe de Polícia se apressa a comunicar à direção deste jornal que a solução do problema competia antes ao juiz de menores defender-se com o argumento de que não cabia a ele capturar os pequenos delinquentes e, sim, nomear curador para acompanhar qualquer processo contra eles instaurado.

Os discursos da modernidade exigem assim, uma ordem fixa, criando uma variedade para que o resultado seja analisado sob uma perspectiva

⁷ Benjamim, Walter. *Cidades Invisíveis*. Ítalo Calvino. p.136

muito mais global do que antes. O centralismo do discurso metropolitano depende de uma forma de poder e interpretação baseado no que pode ser chamado de monopolista de categorias. Pelo mesmo motivo, a cidade produz sujeitos na periferia e na exclusão.

Ao longo do tempo Salvador no seu processo de urbanização construiu um modo singular de vida, onde se formou uma civilização de caracteres próprios decorrente da experiência histórica de natureza épica. Da saga da cabeça e sangue adubando os caminhos, do curso da violência no centro de Salvador acenava um “eldorado”, a história dos “alugados”. O escritor mantém íntima relação com a vida e vai exibindo um universo humano dominado por certo esquematismo político: os ricos burgueses representando o lado mau, enquanto os oprimidos, os humildes, são marginalizados e explorados relegados às péssimas condições humanas.

.Contudo, percebe-se em *Capitães da Areia*, desde o início as condições desumanas as quais passavam os capitães, dormindo sob a lua em um velho casarão abandonado, onde se demonstrava que outrora fora cenário de desembarque de pessoas e riquezas. A indignação do autor também é demonstrada quando aborda em sua fala “trapiche exclusivamente habitado pelos ratos que o atravessam em corridas brincalhonas”. (p.36,3º§)

Nesta análise, vale ressaltar a religiosidade sagrada e profana, sobretudo ao apontar pessoas de classe desfavorecida a exemplo de Don' Aninha, a mãe do terreiro da Cruz de Opô Afonjá [...], (36,1º §) através de um búzio nas noites de temporal. E como diz a quadrinha popular, escrita nas entrelinhas do romance “Capitães da Areia”: “Oh! Veja eu assolado na cidade tão triste e má, na veste de todo o mundo, só direita e se entontar”⁸.

Nos velhos sobrados, são notórias as evidências de miséria, situação demonstrada através do Sem Pernas, personagem – Capitão, seu ideal seria na verdade fugir de toda aquela desgraça que os cercavam e os

AMADO, Jorge. *Capitães de areia*. São Paulo: Martins, 1966. p40.

desfinhavam. A verdade é que esses pequenos indivíduos eram vítimas do sistema político – econômico.

Para tanto, há um personagem sobrinho de Lampião – Rei do Cangaço. Neste enlace, o autor ao revisitar esta personagem legitima o descaso político para com os movimentos organizados que lutavam contra as injustiças sociais. É muito presente a associação deste personagem na obra supracitada quando se coloca que a personagem corre cada vez mais, mata soldados, porque eles eram todos comandados pelos latifundiários ricos.

Necessariamente, Capitães da Areia retrata o problema da delinqüência, isto é, segundo Sérgio Ximenes no Mini-dicionário Edioro da Língua Portuguesa “menores envolvidos em ação de delito ou crimes, estado ou condição de delinqüente”⁹. p.287:2000. Quase não preocupava ninguém em toda a cidade. As leituras deixam evidências de que há na verdade uma classe burguesa “fútil” cheia de inutilidades, devendo-se para isso tecermos críticas às autoridades governamentais que se mantinham omissas e alheias aos problemas sociais e são apontados como pobres crianças, sem pai, sem mãe, valendo questionar: porque aqueles homens bem vestidos tanto os odiavam?

Segundo Vasconcelos: “É provável que essa realidade não deixasse espaço para pensarmos a criança como um ser especial, com necessidades próprias como brincar e estudar, conforme concebemos hoje”¹⁰.

Concordo com a autora ao relacionar estas questões já que parecem essenciais pensarmos que na sociedade são alvo dos questionamentos Amadianos, elucidar a importância atribuída à infância como uma fase especial de vida para a formação do indivíduo bem como contestar o sentido da infância.

As personagens transitam pela cidade “ninguém melhor que os “Capitães”, conheciam bem a baía de todos os Santos e nesse entrelace faz

⁹ AMADO. Jorge. Dicionário. Edioro da Língua Portuguesa. P. 287:2000.

¹⁰ VASCONCELOS, Tânia Maria. Meninos do Serrote, in: Revista Panorama Acadêmico. Jacobina, v 4,. 2001. p.55.

acender mais a dupla imagem que segundo Borges “bastam dois espelhos para construir um labirinto”. Um espelho que seria a imagem do desenvolvimento e o outro seria a face desnorteada das personagens conduzidos pelos espaços citadinos e neles se identificam quando flui a própria condição de seres fragmentados e desorientados no percurso traçado pela vida.

Para Maria Inez Machado Borges Pinto, no seu livro, *Cotidiano e Sobrevivência* vale citar:

O roubo pelo cidadão necessitado era uma das “ocorrências mais normais na rotina diária” [...] os feitos surpreendentes de delinquentes altamente perigosos, era parte do cotidiano rotineiro, que envolvia essencialmente o trabalhador destituído dos mínimos bens de sobrevivência¹¹.

Não se trata de descrever as grandes e famosos ladrões, mas evocar a criminalidade potencial que faz parte das nossas depauperadas e dos bairros populares. Pois, era uma maneira daqueles sujeitos na procura da dignidade reunir meios necessários à sobrevivência já que há evidências notificadas pela imprensa da época sobre a marginalidade urbana que durante anos cresceu, assustadoramente, sendo notório o percentual de miseráveis, vagabundos, delinquentes e trabalhadores pobres na cidade. O aumento insuperável das taxas de desemprego e altos índices de assaltos nas ruas. Amado retrata isso muito bem:

“O problema dos menores abandonados e delinquentes que quase não preocupava ninguém em toda a cidade, era a maior preocupação apenas de Padre Pedro”¹².

Assim, as limitadas oportunidades ocupacionais, o desemprego crônico, a pressão de miséria cotidiana influíram para que o trabalhador profissional recorresse a inúmeras formas marginais de ganhar a vida, tais como o furto, a mendicância, a prostituição e outros expedientes menores

¹¹ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *cotidiano e sobrevivência*. São Paulo: Edusp, 1994. p.185.

¹² AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. 36 ed. São Paulo: Martins, s:d. p.8.

perseguidos e/ ou investigados pela polícia. Dessa forma, estatísticas criminais elaboradas pela burocracia policial confirma a tendência dos furtos ligados à subsistência imediata tais como: comestíveis, vestuário e “miudezas” de pequeno valor.

Torna-se de fundamental importância salientar que essas vozes excluídas na procura da dignidade buscavam suprir necessidades básicas, as quais conduziu-os a buscar meios ilícitos de sobrevivência e ressaltar sua estreita relação com o crime popular que nasce e tem fortes raízes na miséria.

Não obstante, a incidência dos furtos feitos pelos “menores” era uma forma espontânea de contestação contra a opressão e a pobreza a que estavam condenados pelas relações do dominante.

Percebe-se que as reivindicações eram na verdade uma espécie de justiça selvagem contra as camadas opressoras. A custa da ilegalidade os oprimidos impunham certos limites à opressão.

Não se deve esquecer da rigidez da sociedade e os preconceitos do meio social que estigmatizavam o delinqüente e a intransigência dos poderes legais.

Vale ressaltar que nesta concepção de sujeito cidadão a relação entre a cidade de Salvador e seres humanos tem sido encarada de vários pontos de vista. Considerado produtos da “arte” humana, ela simboliza o poder criador do homem, medida por um espaço pessoa e pela instrução, assumiria a condição de cidadania.

As ruas de Salvador passaram a ser representadas por seus movimentos “parasitas”, sem superfícies rugosas, como puro espaço de circulação que remete apenas para as esferas de consumo e do trabalho. Dessa forma, limpando a rua da presença popular e levando a vida privada trocar-se-ia o perigo da vida no trapiche abandonado.

Segundo Perrot:

Se a valorização do lar frente à rua a evolução familiar e o mimetismo sócio cultural empurrou-o [...] para o interior da casa



[...] nunca o projeto higienista conseguirá esvaziar totalmente a rua das práticas e da presença popular. Por mais que sejam funcionais, por mais que se especializem, os espaços públicos são eternamente reinvidados, repossuídos, reinventados, por aqueles que dele fazem o jogo da vida¹³.

É percebido, contudo, através das leituras feitas que os personagens empobrecidos são vitimados, pois há extrema concentração da renda nas mãos de uma minoria privilegiada – a restrita elite proprietária e, por outro lado, a vigência de uma sociedade tão miseravelmente pobre e oprimida, era uma reserva potencial para a proliferação de grupos criminais e indivíduos isolados que viviam resistindo ao peso da profunda penúria.

Desnorteados, aos olhos do narrador, as pequenas vítimas das desigualdades sociais, tem-se como conseqüência o mundo do crime e a marginalização. E quanto mais buscam esse fim, mais fronteiras se entrecruzam, se fecham.

Portanto, o pesadelo é encontrar a saída, uma vez que se habituaram com essa forma de ser e de conduzir. Ainda, há uma evidência contrastante entre a humanidade e a sensibilidade das crianças versus à desonestidade das classes dominantes que segundo Passett:

Uma forma de pensarmos a vida do menor é começarmos por onde ele nasce, a mãe e daí vemos como é que vai se realizando sua sociabilidade, isto é, a maneira como ele irá se relacionar com os outros, em sociedade, engendrando sua vivência de acordo ou não com os padrões vigentes... Se você é menor e não tem família nem freqüenta escola, você é considerado um marginal¹⁴.

O que se verifica, conforme Passett, é que os menores possuem uma vida desencontrada, desestruturado a partir do próprio convívio familiar. E é nos cantos da cidade de Salvador que a exemplo, se pinta o retrato dessas “subvidas” irresolutas. Na rua, o lar – a terceira escola, onde o espetáculo da arte andarilha por ruas e avenidas demonstra o conceito atribuído pela

¹³ PERROT, Michele. *Os Excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹⁴ PASSETT, Edson. *O que é menor*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.32.

classe aristocrática às mesmas, “ladras” de enorme periculosidade¹⁵, (grifo dos jornais da época) mas na verdade, os pequenos cidadãos, não tinham o direito à cidadania ou a melhores condições de vida.

Sabe-se que viviam do furto e tão cedo se dedicavam ao mundo da criminalidade, por não ter sequer moradia, ou um seio familiar responsável. Notoriamente, o narrador assim os define:

“Os capitães eram crianças abandonadas que viviam do furto... eram, em verdade, os donos da “verdade” da cidade os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”¹⁶.

Indubitavelmente, o personagem Pedro Bala – Líder do grupo, leva vantagens sobre os demais menores, nada mais seria que o conhecimento perfeito de todos os lugares da cidade. Regia entre eles o código de igualdade, virtude não inexistente entre as classes burguesas. As ruas estavam estendidas de menores como educá-los? Como tirá-los das ruas? É sabido que os reformatórios existiam e as autoridades depositavam grande credibilidade. Era para lá que iam uma enorme parcela dos sub-viventes das ruas soteropolitanas. Todavia, as crianças ao serem maltratadas, segundo Jorge Amado, fugiam, visto que não se impressionavam como o exemplo de trabalho que encontravam naquele lugar, tido como estabelecimento de educação. Estes lugares serviam muitas vezes na ampliação das crianças no mundo do crime. De acordo com a fala de Padre José Pedro êi-la:

Já fizera umas tantas visitas ao reformatório de menores, mas ali lhe punham todas as dificuldades, por que ele não esposava as idéias do diretor de que é necessário surrar uma criança para emendar de um erro. E mesmo o diretor, tinha idéias únicas sobre os erros¹⁷.

Consubstancialmente, o reformatório encarcerava os menores que conforme um jornal da época, denunciava tais maus tratos além de avaliar a ótica da sociedade relatava ainda que Salvador vivia infestada por crianças

¹⁵ AMADO, Jorge . Capitães da Areia. 36 ed. São Paulo: Martins.

¹⁶ AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 36 ed. São Paulo: Martins. 1966. p.82

¹⁷ AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 36 ed. São Paulo: Martins, 1966. p.82.

perigosas, assaltantes e que urgia providências por parte das autoridades. Este patético documento sobre a vida dos meninos de rua, confirma a Literatura de Cordel conforme demonstra um romanceiro popular: “terra de muita grandeza e de muita miséria também. Dessa forma, uma crítica é relevante: os poderes públicos não tomaram precauções devidas que pudessem senão erradicar o problema do menor, amenizar o alastramento dos mesmos, já que durante décadas foram nocauteadas pelo sistema socioeconômico como vale citar:

O senhor não se envergonha de estar nesse meio, Padre? Um Sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade, no meio desta gentilha...

– São crianças senhoras. A velha olhou superior e fez um gesto de desprezo com a boca. O Padre continuou:

– Cristo disse: “Deixai vir a mim as criancinhas...”

– Isso não são crianças, são crianças, são ladrões. Velhacos ladrões [...] São capazes até se ser dos Capitães da Areia... Ladrões – repetiu com nojo¹⁸.

Nota-se o desprezo que a sociedade destinava às crianças abandonadas de Salvador. Crianças que devido à indiferença das poderes públicos sobreviviam às mazelas sociais. Por conta disso entregavam-se aos desconsolos, à marginalidade e à delinqüência. O cais era o seu quartel general onde residiam protegidos das autoridades que ao invés de repensar o problema do menor exigiam grosso modo a extinção do bando.

Não obstante, ofereciam-lhes quando “aprisionados” institutos frios, para reforço de crianças, muito embora o objetivo fosse o contrário, elas saíam transformadas em astutos marginais, revoltadas e neuróticas para com a sociedade: “moleques que como demônio fugiam carregados com objetos de alto valor”. Sem falar nos confrontos e desrespeito por parte do policiamento em suas rondas noturnas, como se pode comprovar através do seguinte recorte:

¹⁸ AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 12ª ed. São Paulo: Martins, 1966.p.82.

Numa batida de Candomblé, a polícia tinha carregado com Ogum, que repousava no altar de Don'Aninha [...] Don'Aninha tinha usado da sua força junto a um guarda para conseguir a volta do Santo. [...]O professor realmente pensava em conseguir que a polícia lhe entregasse a imagem [...] Por isso, estar com Ogum numa sala de detetive na polícia, Xangô descarregará os raios nessa noite¹⁹.

Vê-se aí os casos e confrontos desrespeitosos por parte do policiamento que não cumpria sua verdadeira função que era a de proteger os cidadãos. Do contrário, avolumava a violência quando na verdade deveriam reduzi-la. Percebe-se assim, que para ser atingida a tão sonhada dignidade fazia-se necessário rever o processo histórico/geográfico da Bahia politicamente organizada.

É papel desta pesquisa perceber ao longo das leituras, as contradições existentes na sociedade baiana em que as vítimas do trapiche liderados por Pedro Bala acabam por adquirir consciência política e revolucionária, já que outros morrem, [re]unidos e rendidos ao “sistema”; porém reacionários como fala o recorte:

De punhos levantados às crianças saúdam Pedro Bala que parte para mudar o destino de outras crianças. Barandão grita na frente de todos, ele agora é o novo chefe. De longe ele ainda vê os capitães sob a lua, num velho trapiche abandonado, eles levantam os braços. Estão em pé, o destino mudou. Na noite misteriosa das macumbas os atabaques ressoam como clarins de guerra²⁰.

O certo é que as crianças abandonadas tinham no líder Pedro Bala os “novos” modelos e/ou valores da solidariedade. Seriam os eternos Capitães, unidos em busca de uma sociedade mais digna e menos excludente. Valores estes, cultivados por eles, todavia opostos aos das classes dominantes. É lícito afirmar que a rudeza de Pedro não é de tudo ruim uma vez que posta a serviço das massas e na busca de soluções para as mazelas sociais serem combatidas. Sua participação na luta dos operários e estudantes fez com que ele encontrasse seu próprio caminho longe da violência gratuita e da vida

¹⁹ AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 36. ed. São Paulo: Martins.

²⁰ AMADO, Jorge. Capitães da Areia. 36. ed. São Paulo: Martins.

“nômade” que fazia parte do seu cotidiano. É notório comparar ao que Maécio Tati escreveu:

A Moderna Literatura brasileira, aquela que deu os grandes romances sociais, os estudantes de Sociologia, a reabilitação do negro, os estudos históricos, resultam diretamente do ciclo de revoluções iniciadas em 22 que só encontrará seu término com o pleno desenvolvimento da transformação democrática - burguesa trouxeram o povo à tona, interessaram-se nos problemas do Brasil, deram-lhe uma ânsia de cultura da qual resultou o movimento literário atual²¹.

Como nos situa Tati, estes estudos remontou à perspectiva criada com o advento da Semana de Arte Moderna, e daí ressurgiu a consciência do verdadeiro regionalismo tão bem notabilizado em que se preocupa com a construção da identidade do cidadão, seus valores, sua cultura, seus hábitos, bem como o seu político. Ainda para este autor, o baiano possui um lado de destreza e coragem. Por outro lado à iniquidade esmagando a liberdade, a democracia...

Os estudiosos do Capitalismo mostram que este, na sua origem, promoveu a subordinação do campo à cidade, da produção agrária aos interesses do comércio e da indústria, os quais se tornaram prioritários [...] A primeira forma de exploração e acumulação de capital derivou da separação entre campo e cidade²².

Vale ressaltar conforme o enunciado que os exportadores exploravam os mulatos e os negros estes que, trabalhavam duramente mas estavam isentos da participação do setor desenvolvido da sociedade que para Bresser Pereira:

O setor tradicional ou marginal é aquele que fica excluído dos processos de desenvolvimento tecnológico e de rápido aumento da produtividade que caracterizou o modelo capitalista dominante²³.

²¹ MAÉCIO, Tati. *Jorge Amado, vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961. p.16.

²² COSTA Maria Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987. p.116.

²³ PEREIRA, Bresser. “A economia do subdesenvolvimento industrializado”. In: *Estudos CEBRAP*. São Paulo, out/nov/dez. 1976. p.14

O excerto supracitado afirma que parte da população trabalhadora e marginalizada não se refere a partes da sociedade em estágio Pré-Capitalista de produção nem a uma fase de transição ao capitalismo, mas a setores constitutivos da sociedade os quais demonstram tradicionalismo em suas relações econômicas e políticas.

Isto demonstra de forma evidente em *Capitães da Areia* a situação de pobreza explícita devido à burocratização do poder público. E, é notável a falta de providências para amenizar os problemas daquela população que não usufruía nenhum benefício ou conforto trazido com a expansão da produção: Eram pessoas que não haviam freqüentado escolas, e trabalhavam, desde cedo em serviços braçais de baixa remuneração, não desfrutavam de uma vida digna. O que se evidencia é que a sociedade possuía uma enorme dívida no sentido de ressarcir a dignidade daqueles pequenos cidadãos.

O perfil social dos “pequenos criminosos”, em *Capitães da Areia*, ajuda a reforçar a denúncia dos escritores modernistas da geração de 1930 quando associam pobreza e criminalidade: os prejudicados neste processo eram meninos de rua, prostitutas, seguidores do Candomblé, sertanejos vitimados pela seca e outros considerados marginais pelos setores minoritários, mas hegemônicos. Nesta ótica, é contra os setores subalternos que se conduz a prática policial e repressora.

Conseqüentemente, formam-se os bolsões de misérias dentro do ciclo vicioso em que o indivíduo para adquirir sua dignidade precisa estar situado legalmente. Sem trabalho, já agora encarado pelas classes hegemônicas como dignificante, os desocupados passam a fazer parte dos pobres, dos marginalizados.

Os *Capitães da areia* são chamados a colaborar nas greves dos trabalhadores (motoristas, por exemplo) e, com tal atitude, de certa forma participando da tomada de consciência entre os que desejam mudanças democráticas, nos setores burgueses e hegemônicos que impedem a

distribuição mais equânime de benefícios sociais que impediriam o surgimento dos menores sem lar, abandonados, à procura de fazerem suprir suas necessidades vitais em uma comunidade urbana, no início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as questões até aqui discutidas a guisa de conclusão, percebe-se que Jorge Amado demonstra de forma crítica o problema dos menores de rua na Capital baiana e as lutas em prol de conseguir sua tão almejada dignidade. O autor ao denunciar o descaso político, o egoísmo e a falta de solidariedade por parte das elites de Salvador reforça, sobretudo, a luta do homem simples, seus sofrimentos e esperanças. Volta-se para a temática social analisando os problemas na tentativa de sensibilizar as autoridades para que os problemas fossem solucionados.

E, pudessem sobremaneira alcançar a tão sonhada dignidade. Esta, tão propalada como resultado do constante embate entre “ricos” e “pobres”, (in) contidos na ânsia humana em busca de participação política de independência e consciência cultural.

As personagens são envolvidos na presença da sensibilidade humana, universalizada pelas dores, angústias e expectativas. Logo, os menores de rua são fontes de estudos que não se esgotam aqui, pois desafiados pela engrenagem de vida adversa, e batalhando pela subsistência traçado em longo curso, saltando aos olhos do leitor o desconforto de suas vidas, como disse o próprio Jorge Amado. Tolher ou não propiciar a liberdade dos desfavorecidos é sem dúvida alguma muito menos divertido que desencarcerar palavras do povo, dos condenados, aqueles em cuja vida é considerável o saldo das misérias”. Daí, por que não buscar dignidade?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Martins, 1966. 36.ed.
- BENJAMIN, Walter. *Cidades Invisíveis*. Ítalo Calvino. p.136
- BOSSI, Alfredo. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo. Cultrix, 1994.
- CANCLINE, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2.ed. [trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa] São Paulo: EDUSP, 1998.
- COSTA, Maria Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. São Paulo: Moderna, 1987.
- DAMATTA, Roberto. "Carnavais da Igualdade e da Hierarquia", in *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva, Guaraciara L. Louro. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- MAECIO, Tati. *Jorge Amado, vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.
- PASSETT, Edson. *O que é menor*. São Paulo: Brasiliense, 2. ed., 1986.
- PEREIRA, Bresser. "A economia do subdesenvolvimento industrializado". In: Estudos CEBRAP. São Paulo, out/nov/dez.1976.
- PERROT, Micheli. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- Revista Brasileira de Língua e Literatura. n.º2, 1979.